

A ESCRITA EM REDE: UMA NOVA MODALIDADE DA LÍNGUA DO CONTEXTO DIGITAL

Cristina Normandia dos Santos
Doutoranda de Língua Portuguesa (UERJ)
crnormandia@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo visa a propor que a comunicação digital possibilitou o surgimento de uma terceira modalidade da língua, a “escrita em rede”. O conceito de rede é o que melhor determina a prática da língua na *internet*, nos levando a desconsiderar os conceitos de digital e de internetês. O termo “rede” indica que esta prática é constituída de três aspectos: o hipertextual, o híbrido e a interação, especificidades que conferem a esta prática social da língua a condição de uma modalidade distinta da fala e da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita em rede, hipertextual, híbrida e interação.

ABSTRACT

This article aims to propose that digital communication has enabled the emergence of a third mode of language: “network writing”. The concept of network is what best determines language practice on the Internet, leading us to disregard the concepts of digital and “internetish”. The term “network” indicates that this practice consists in three aspects: the hypertext, the hybrid and interaction, specific features that give this social practice of the language the status of a distinct mode of speech and writing.

KEYWORDS: network writing, hypertext, hybrid and interaction.

A MODALIDADE DO MEIO DIGITAL

Começo descrevendo algumas situações bem comuns do cotidiano. A primeira situação: a caminho do trabalho, num transporte coletivo, se observam pessoas com seus aparelhos de celular nas mãos, visualizando as últimas atualizações do *Facebook*, digitando uma mensagem no *Whatsapp* ou lendo as notícias dos jornais na *internet*. A segunda situação: o professor entra na sala de aula e vê vários alunos com seus aparelhos de celular, com o *Tablet* “curtindo”, “comentando” e “compartilhando” informações, vídeos e fotos nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Já a terceira situação: no ônibus, num engarrafamento, se observam, pela janela, motoristas com

aparelhos de celular digitando mensagens para alguém, talvez, avisando que está preso no trânsito ou comentando com o amigo que a *Apple* lançou o *Iphone 6*. Essas três situações entre outras indicam que estamos em alguns momentos do nosso cotidiano conectados, em contato com muitas pessoas ao mesmo tempo. Estamos na sociedade em rede, conceito proposto por Castells, que aduz (1999, p. II):

A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade.

Sociedade em rede, o termo proposto por Manuel Castells (1999), define essa nova atividade interativa, proporcionada pela *internet*, nesses últimos vinte anos. Com a Globalização, houve a expansão da *internet*, uma mídia de massa, cuja aquisição do espaço não ocorreu, apenas, nas instâncias administrativas, governamentais e empresariais, mas também se expandiu no entretenimento e na socialização. Nesse contexto virtual ou nesse ciberespaço, conceito criado por Lévy (1999), a comunicação adquiriu o atributo de rede, a comunicação em rede, o contato de muitos com muitos, cuja ocorrência sucede sincronicamente ou assincronicamente.

Sem dúvidas, podemos afirmar que foi uma grande transformação na comunicação, que adquiriu novos meios de interação por meio de novas tecnologias. Essa mudança, fruto do capitalismo, tem promovido muitos debates de diversas áreas do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, a Comunicação, a Educação, entre outras. E dentre essas, a área de estudos da linguagem tem contribuído bastante, principalmente, para adquirirmos uma percepção diferente do uso da linguagem que se realiza nos distintos ambientes virtuais. As contribuições linguísticas são muitas, mas, ainda, não o suficiente para responder a tantos questionamentos que nos apresenta o contexto virtual.

Uma das questões está relacionada ao uso da língua nos gêneros digitais, especificamente os de perfil síncrono. Esse uso da língua não se enquadra nem na fala nem na escrita, apesar de ainda ouvirmos que essa prática da língua no contexto virtual

possui características da língua falada. Isso se deve a uma percepção dicotômica da língua, na qual prevalece o valor prescritivo, em que é dado à escrita o *status* de normatizada, precisa e planejada e é dado à fala, um lugar de desprestígio, lhe atribuindo características de imprecisa, não normatizada e fragmentária. Aliás, o conceito de fragmentária é imposto à prática da língua nos ambientes virtuais, conceito que confirma o enquadramento desse uso da língua na *internet* como similar à fala. Há muitos equívocos nesse ponto de vista.

O primeiro equívoco é em relação às modalidades fala e escrita, em que se propõe uma distribuição de características, que indicam que a normatização só ocorre na escrita. Como seria o uso da língua numa apresentação oral e acadêmica para uma plateia composta por diretores, coordenadores e professores? Seria o mesmo uso da língua que fazemos num encontro com amigos, numa sexta-feira, à noite? A escrita presente num bilhete para um amigo muito próximo é do mesmo estilo da escrita presente numa tese acadêmica? A resposta para todas as perguntas é que a língua sofre as variações de acordo com a situação comunicativa e temos consciência dessas distintas práticas sociais da língua. Então, começamos a entender o segundo equívoco do ponto de vista prescritivo que atribui ao uso da língua no contexto virtual o *status* da fala e um desvio da norma padrão presente na escrita. A linguagem midiática não é a fala e não é a escrita, porque é uma prática da língua mediada pelo meio digital. Sendo assim, concluímos que o termo “internetês” não é o melhor definidor desse uso da língua, pois, nele está embutida a percepção prescritiva e não a sociointeracionista.

Bakhtin (2010) postula que os enunciados, orais e escritos, revelam os contextos e as circunstâncias por meio das temáticas e pelo estilo da linguagem. Podemos constatar que o uso da língua na *internet* vai manifestar os propósitos comunicativos relativos a uma multiplicidade de padrões comunicativos, que são materializados nos gêneros discursivos digitais, portanto, se justifica a afirmação de uma terceira modalidade da língua. Tedesco (*in* DARCÍLIA, 2013, p.480) conclui:

Cada esfera social terá seu tipo de enunciado; a esfera do trabalho tem seus enunciados específicos, assim como a escola, as artes, as ciências, as leis, as tecnologias, a internet e as redes sócias, de modo geral. Se existe uma ampliação dessas formas de comunicação, inclusive considerando os

diferentes suportes, postula-se a possibilidade de reestruturação do que sejam as modalidades da língua.

Entendemos, a partir de análises etnográficas dos enunciados presentes na rede social *Facebook*, que, para essa modalidade, o conceito digital também é restrito, pois a ação de digitar não explicita aspectos a essa inerente nessa modalidade da língua do contexto virtual, os denominados traços hipertextual, o que significa ser não sequencial ou linear, híbrido, por se relacionar com a imagem e o som, interativo, por ser a comunicação de muitos com muitos. Nesse sentido, o melhor conceito para essa modalidade será “escrita em rede”, parafraseando o conceito de Castells (1999) de “Sociedade em rede”.

COMO SE ORGANIZA A ESCRITA EM REDE?

Para defendermos o conceito de escrita em rede, começaremos apresentando os ambientes virtuais de que fazem parte os gêneros digitais, para, em seguida, explanarmos o gênero digital Comentário, que foi escolhido por nós para o desenvolvimento da nossa discussão. Os comentários são postagens presentes na rede social *Facebook*.

Segundo Marcuschi & Xavier (2010), alguns autores propõem a relevância de se determinarem os ambientes virtuais que abrigam os gêneros digitais. Os autores advertem que “... todas as tecnologias comunicacionais novas geram ambientes e meios novos”. Os autores ainda advertem que os ambientes virtuais não são considerados domínios discursivos, mas sim esferas de produção e de processamento textual. Apresentamos, de acordo com os autores supracitados, os seguintes ambientes virtuais:

- a) Ambiente *web* (a própria rede) – Trata-se de um ambiente de buscas.
- b) Ambiente *e-mail* ou correio eletrônico – Trata-se de um ambiente de comunicação interpessoal.

c) Ambiente *foros* de discussão – Trata-se de um ambiente assíncrono para debate de temas específicos.

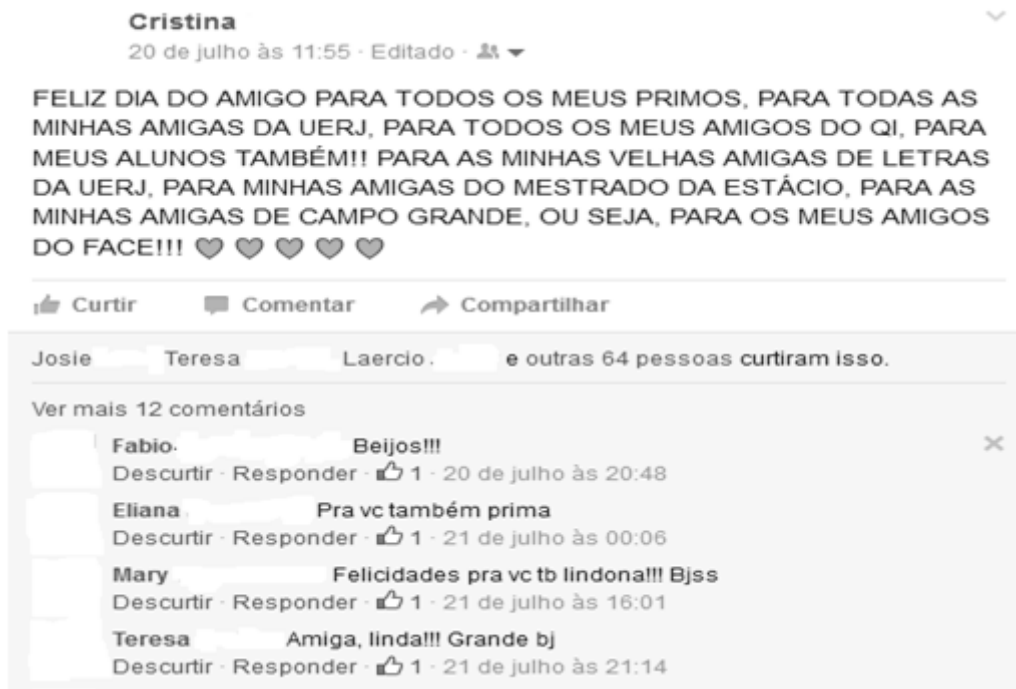
d) Ambiente *chat* síncrono – Trata-se de ambientes como salas de bate-papo, em que há a participação de várias pessoas simultaneamente.

e) Ambiente *mud* – É um ambiente de jogos, em que se organiza uma rede de jogadores.

O ambiente *web* (a *Word Wide Web*) é uma rede de comunicação em que se postam documentos no formato de textos, áudio, vídeo, *software*, tudo que pode ser digitalizado (CASTELLS, 1999). A *web* é o ambiente de comunicações pessoais, de trabalho, de informações, de religião, de política, de serviços públicos e de entretenimento. Isso possibilitou o surgimento das redes de relacionamentos como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Instagram*, entre outras. O *Facebook* teve um crescimento imenso e adquiriu adeptos de todas as idades, há pessoas que o comparam às revistas de celebridades por causa das muitas fotos postadas pelos proprietários dos perfis. Há psicólogos que avaliam essa exposição como um processo de maquiagem da realidade. Realmente, é uma questão a ser investigada pelos pesquisadores da psicologia.

No *Facebook*, ocorrem postagens e compartilhamentos de comunicações nos formatos de texto, imagem, vídeo e áudio. O *site* é organizado em duas seções: o Perfil do proprietário e o *Feed* de notícias. No Perfil, o proprietário pode fazer atualizações diárias ou não, fica a sua escolha. O Perfil lembra muito *weblog*, por causa de suas características de personalidade, de conteúdo autobiográfico e das anotações diárias. O *Feed* de notícias é conhecido também como um mural em que ficam expostas todas as atualizações dos amigos e de páginas comerciais.

O processo de interatividade no *Facebook* ocorre por meio de três ações: “Curtir”, “Comentar” e “Compartilhar”. Em todas as atualizações realizadas pelos proprietários dos perfis, há a possibilidade de seus pares, os amigos do *Face*, “curtirem, comentarem e compartilharem” as mais variadas informações. Esse processo de interatividade indica o aspecto hipertextual que determinará a escrita em rede. Observe na imagem abaixo como se dão essas ações de interatividade no Perfil do *Facebook*:



A imagem acima apresenta recorte de uma postagem de texto da interactante “Cristina”, cujo assunto é uma felicitação pelo dia do amigo. Abaixo da felicitação da proprietária do perfil, podem ser observadas as ações de “curtir, comentar e compartilhar” com suas representações iconográficas. Logo após, se expõe a quantidade de pessoas que curtiram a mensagem, que foi um total de 68 pessoas. E mais abaixo, vemos postagens de perfil responsivo, as quais expõem mensagens muito afetuosas. A imagem acima demonstra que os comentários postados na página de perfil do *Facebook* assumem a estrutura de uma conversação, em que os participantes, cognitivamente, farão uso das estratégias da conversação face a face para possibilitar o diálogo e o “projeto de dizer”.

AS ESTRATÉGIAS DA CONVERSAÇÃO PRESENTES NA ESCRITA EM REDE

Anteriormente, quando afirmamos que a escrita em rede se trata de uma terceira modalidade, contemplamos a dialogicidade, os usos estratégicos, as funções interacionais, o envolvimento, a negociação, a situacionalidade, a coerência e a

dinamicidade para determinar que é uma modalidade hipertextual, híbrida e interativa. Isso é perceptível nas trocas de turnos, que, no perfil do *Facebook* são realizadas nos comentários postados pelos interactantes. A troca de turnos é uma das características básicas da conversação face a face. As outras são (MARCUSCHI 2007, p. 15):

- a) interação entre pelo menos dois falantes;
- b) presença de uma sequência de ações coordenadas;
- c) execução numa identidade temporal;
- d) envolvimento numa interação centrada.

A partir das características apresentadas por Marcuschi (2007), podemos tomar a troca de comentários no *site* social como sendo uma interação centrada, “que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (MARCUSCHI 2007, p. 15).

É importante observarmos que nem sempre as postagens são síncronas e também nem sempre a estrutura da conversação se realiza no *Facebook*. Os comentários são estimulados pelo conteúdo que é postado no perfil. Sendo assim, há temáticas que são mais convidativas para se curtir, comentar e compartilhar, do que outras. Antes, advertimos que a base das nossas análises são postagens de jovens interactantes entre 15 e 19 anos, pois, os jovens, nessa faixa etária, costumam se expressar criativamente. Em relação aos temas mais convidativos para uma conversação, se destacam os assuntos sobre amizade, aniversários, namoros, futebol, jogos, filmes e músicas. Os gêneros fotos e vídeos são, com muita frequência, assuntos de prolongadas trocas de turnos.

Dois dos temas indicados acima estão presentes nas duas conversas postadas no *Facebook* (SANTOS, 2014) que serão analisadas a seguir. A primeira conversa é sobre futebol; a segunda, sobre o amor. Começemos a verificar a primeira conversa:

Conversa 1

EPM	G O L !!! PRA CIMA DELES MENG O O O 8 de Setembro de 2011 às 22:22
EAM	perdeu hahahaha 9 de Setembro de 2011 às 19:07
EPM	Me ganha... 9 de Setembro de 2011 às 19:31
EAM	ó lixo acabei de te ganha 9 de Setembro de 2011 às 19:31
EAM	não chora fraco 9 de setembro de 2011 às 19:32
EPM	no fut...qr ver no ping seu fraco 9 de setembro de 2011 às 19:32
EAM	po te ganho fácil 9 de setembro de 2011 às 19:33
EPM	Valeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeuu.....ate meu irmao te ganha de direita ..."ele é bom,pq ele é canhoto" 9 de setembro de 2011 às 19:36
EPM	HAUHUAUHAUHAUHAUHUA 9 de setembro de 2011 às 19:36
EAM	treina+pra me ganha

	9 de setembro de 2011 às 19:37
EPM	PERDOA SENHOR...ele n sabe o q fala 9 de setembro de 2011 às 19:37
EPM	mlk eu te ganho fácil 9 de setembro de 2011 às 19:38
EAM	treina+pra me ganha 9 de setembro de 2011 às 19:38
EPM	fui 9 de setembro de 2011 às 19:38

Optamos por usar as siglas “EPM” e “EAM” para mantermos o sigilo dos interactantes. A sigla EPM significa Enunciador Principal Masculino e a sigla EAM significa Enunciador Amigo Masculino. O enunciador principal é o proprietário do Perfil do *Facebook*; já o enunciador amigo faz parte do círculo de amizade da rede social. Utilizaremos as mesmas denominações na conversa 2.

Na conversa 1, percebemos que, da postagem do enunciador principal para a resposta do enunciador amigo, há um espaço de tempo, mas, no dia 9 de setembro de 2011, é organizada uma troca de comentários, formando uma conversação.

Podemos, então, destacar a primeira estratégia cognitiva “fala um de cada vez”, como numa conversação face a face, em que a mudança de turno é indicada pela marcação da hora em cada comentário postado. Esta é uma técnica para que se realize a interação espontânea e informal, lembrando que a interação é um dos conceitos atribuídos por nós para a escrita em rede. Marcuschi diz que (2007, p.19) “é sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional”.

Na conversa 1, o tema principal é um jogo do Flamengo, pois o EPM expressa seu contentamento com um gol do time: “GOOOOOOL!!!”. No comentário do EAM, se

observa que o Flamengo perdeu a partida e EAM aproveita para provocar EPM com o comentário “perdeu hahahaha”. Os enunciados dos interactantes funcionam como “pistas” linguísticas que acionam o nosso conhecimento de mundo, permitindo inferir as informações implícitas, como nos lembra Koch (1998, p. 65) “todo texto assemelha-se a um iceberg – o que fica à tona, isto é, o que está explicitado no texto é apenas uma pequena parte daquilo que está submerso, ou seja, implícito”. Outras pistas linguísticas como, por exemplo, os nomes “lixo”, “fraco”, “irmão”, “moleque (mlk)” nos permitem inferir que há entre os enunciadorees uma intimidade e que são da mesma idade e compartilham das mesmas experiências pessoais.

Numa atitude responsiva e buscando se sobrepor ao EAM, EPM propõe: “Me ganha...”. A sobreposição de voz é considerada um mecanismo de organização conversacional e é possibilitada por marcadores metalinguísticos e paralinguísticos, segundo Marcuschi (2007, p. 25), “[a] sobreposição de vozes tem várias formas de se dar. Uma delas, a mais comum, é a que ocorre nos casos em que o ouvinte concorda, discorda, endossa etc...”. Podemos perceber que nas trocas de comentários há uma recorrente discordância e provocação:

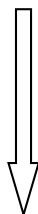
EPM - Valeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeuu.....ate meu irmao te ganha de direita ...”ele é bom,pq ele é canhoto”

EAM – HAUHUAUHAUHAUHAUHAU

A repetição vocálica no final da palavra “valeu” e a onomatopeia “HAUHAU” são considerados sinais conversacionais com a função de sobreposição de voz. Aliás, é importante frisar que o processo conversacional na *internet* tem expressões linguísticas distintas das presentes numa conversação face a face como, por exemplo, as onomatopeias e os *emoticons*. Essas discordância e provocação durante a interação é intencional. Koch (1998, p. 79) postula que “... a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados”.

A coerência conversacional é possibilitada pela organização tópica. A interação centrada, mencionada anteriormente, se realiza a partir de um tópico que poderá se desdobrar em outros tópicos. Na conversa 1, temos

Tópico da conversa: O jogo do flamengo



Subtópico da conversa: partida de ping pong :

“qr ver no ping seu fraco”. “ping” é ping pong.

A organização tópica é uma estratégia de conversação como a troca de turno. Marcuschi faz a seguinte observação (2007, p. 77): “[f]undamental aqui é que só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades ou sobre o tempo e se isto é conservado”. Agora, vamos à conversa 2.

Conversa 2

EPF	J.A ok, J. S. amor da minha vida ... pode sair do meu face já s2 hahahahaha 22 de Setembro de 2011 às 20:54 ·
EAM	hahahahaha boba : é p ninguem chegar em você 22 de Setembro de 2011 às 20:55 · Curti
EAF	HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA! me acabei aqui! 22 de Setembro de 2011 às 21:24 · Curtir
EAM	huahuahauauhau idiota s2

	22 de Setembro de 2011 às 21:30 · Curtir
EPF	hauhauhuhauhauhah, amor, ninguém chega em mim, ninguém me quer além de você, e mesmo que quisesse ! hahahaha, te amo mais que tudo ! 22 de Setembro de 2011 às 22:43 · Curtir

A conversa 2 apresenta três interactantes em interação, duas enunciatórias femininas e um enunciatório masculino. A EP é a proprietária do perfil e EAM é seu namorado. Os dois trocam palavras carinhosas até que há uma interferência da amiga da EPF, que “quebra” a estrutura da conversação:

- EPF: comenta e para;
- EAM: toma a palavra, comenta e para;
- EAF: interfere com o marcador metalinguístico;
- EAM: toma a palavra novamente, respondendo EAF;
- EPF: volta a comentar e finaliza a conversação.

A participação de um terceiro enunciatório na conversa 2 inclui outras particularidades no sistema de conversação (MARCUSCHI, 2007, p. 18):

- a) a ordem dos turnos não são fixas, mas variáveis;
- b) o tamanho dos turnos não são fixos, mas variáveis;
- c) a extensão da conversação não é fixa;
- d) a distribuição dos turnos não é fixa;
- e) o número de participantes é variável.

Essas particularidades servem de orientação para a compreensão da situação comunicativa em que os participantes estão envolvidos. Entretanto, Marcuschi (2007) adverte que não há necessidade de avaliar as especificidades de tais situações para analisar a conversação. O significativo das particularidades destacadas nos itens acima é a “quebra” da linearidade ou sequência, que são aspectos da hipertextualidade, que além dessas características têm outras (KOCH, 2002, p. 64) como: a volatilidade (devida à natureza virtual), a fragmentariedade, multisemioses (com diferentes auxílios sógnicos e sensoriais), interatividade (relação entre múltiplos autores em tempo real), iteratividade (natureza polifônica), e descentração (deslocamento indefinido de tópicos).

Em relação às multisemioses, observamos, no texto da conversa 2, que elementos sógnicos e sensoriais como os emoticons (s2, :/) e as onomatopeias têm valor sensorial com a pretensão de expressar a sonoridade das risadas altas, adquirindo um *status* auditível. Outro aspecto a ser ressaltado é o recurso de colocar o texto em “CapsLock” (todo em maiúsculo), indicando risadas altas, gritos e barulhos estridentes. Aqueles são recursos que pretendem representar as expressões fisionômicas e gestos manuais, sendo nomeados de “marcadores paralinguísticos”. São os marcadores metalinguísticos e paralinguísticos que indicam o valor híbrido da escrita em rede. As conversas 1 e 2 também são constituídas por

- enunciados em que predominam verbos no presente do indicativo;
- adjetivos de perfil afetivo, com característica de gírias. As gírias evocam o uso expressivo da língua feito por determinados grupos sociais.
- enunciados na voz ativa;
- recursos suprasegmentais.

Esse detalhamento dessa modalidade da língua na *internet* reflete a interatividade na comunicação digital, que se organiza por uma multiplicidade de nós que se interligam, formando uma complexa rede. Santaella (2011, p. 166) observa que

A interatividade ciberespacial não seria possível sem a competência semiótica do usuário para lidar com as interfaces computacionais. Essa competência semiótica implica a vigilância, receptividade, escolha, colaboração, controle, desvios, reenquadramentos em estados de imprevisibilidade, de acasos, desordens, adaptabilidade que são, entre outras, as condições exigidas para quem prevê um sistema interativo e para quem o experimenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta discussão, buscamos justificar a existência de uma terceira modalidade da língua conceituada de “escrita em rede”, prática social da língua de muitos, com muitos de forma simultânea. Essa modalidade apresenta aspectos que definiriam a sua identidade, a saber: o caráter hipertextual - não sequencial e linear-, híbrido - elementos sógnicos e sensoriais - e interativo - a estratégia conversacional.

Essa identidade da escrita em rede é perceptível, principalmente, em gêneros digitais de descrição síncrona, como pudemos observar nos comentários postados na rede social *Facebook*. Nesses gêneros síncronos, a organização estrutural influencia as escolhas linguísticas feitas pelos interactantes e determinarão a troca de turnos, característica base da conversação face a face. E seus conceitos se tornam referência para a realização de uma análise etnográfica dessa prática social da língua.

Numa perspectiva sociointeracionista da linguagem, percebemos que não devemos compreender as especificidades presentes nessa contemporânea forma de comunicação como uma desvalorização da língua, pois isso não ocorrerá por causa das inovações tecnológicas. A desvalorização da língua ocorre quando se deixa de prestigiar

quem a faz existir, o próprio usuário da língua. E o desprestígio ocorre quando se insiste em distanciar a língua das suas atividades sociais e culturais.

Então, que venham os ventos das inovações tecnológicas para que os estudos linguísticos sejam sempre impulsionados a sair da inércia, para buscar novas respostas de novas questões.

REFERÊNCIAS

- BAHKITIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Análise da Conversação*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.) *Hipertexto e gênero digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística*. L.A. Queiroz, Editor, 1989
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, Cristina Normandia dos. *Perfil do internetês: curtir, comentar e compartilhar. Recursos linguísticos da escrita digital no gênero conversação do Facebook*. Saarbrücker: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- SHIBAO, Suely. *A leitura de tiras em quadrinhos: para uma gramática contrastiva do não verbal como verbal*. Tese de doutorado – Universidade do estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. 2012.

TEDESCO, Maria Teresa. "Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem". In: SIMÕES, Darcília M. P. (org.). *Semiótica, Linguística e Tecnologias de Linguagem. Homenagem a Umberto Eco*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. p.476-493.

Recebido em 02 de agosto de 2015

Aceite em 07 de setembro de 2015

Como citar este artigo:

SANTOS, Cristina Normandia dos. "A escrita em rede - uma nova modalidade da língua do contexto digital". **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p. 245-260. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/dossie/Palimpsesto21dossie01.pdf> >. Acesso em: dd. mm. aaaa. ISSN: 1809-3507